

RESISTÊNCIA AFRICANA CONTRA O NEOCOLONIALISMO XIX E XX

Thalyta Lorranny panta Guedes Rodrigues¹,

Paulo Bernardes Santos²

RESUMO

Os séculos XIX e XX são marcados pelo processo que chamamos de neocolonialismo, muitas vezes apresentado por um ponto de vista europeu, e caracterizado pela conquista praticamente de todo o território africano, assim o neocolonialismo foi a maior expressão do imperialismo, forma assumida do capitalismo que surgia após a segunda revolução industrial. Neste sentido é importante entender que o domínio das potências europeias não foi apenas econômica, mas completa, ou seja, militar, político e social, impondo à força um novo modelo de organização do trabalho, que pudesse garantir, principalmente, a extração de minérios, para as indústrias da Europa.

Assim no ponto de vista ideológico se justificava por uma teoria racista, que presumia que os povos asiáticos, e principalmente os africanos não conseguiriam alcançar o “progresso” sem a ajuda dos europeus. Neste sentido os africanos estavam à deriva no ponto de vista europeu, na espera de um messias europeu que lhes traria o progresso a libertação e a religião.

Nossa comunicação tem como objetivo discutir estes discursos eurocêntricos, e analisar a história do ponto de vista do Povo Africano, que muitas vezes foram subjugados a margem de sua própria história, como se fossem meros coadjuvantes de sua história, assim é importante discutir o papel do africano em seu espaço, observar suas lutas, e desmistificar o fato de que o europeu foi o autor de suas especificidades. Aliás, os africanos resistiram e lutaram por suas ideologias e liberdade, ganhando espaço dentro de seu contexto, e alcançando conquistas importantíssimas até os dias de hoje.

Podendo destacar o Pan-africanismo que se tornou um divisor de águas, que propiciou a unificação dos países africanos que apesar de suas divergências se uniram para firmar uma independência no século XX, se mostrando como vitória do continente sobre o colonialismo. Assim formou-se uma ideologia de massa, que propiciou uma rede de solidariedade entre os países africanos e seus descendentes da diáspora.

Palavra chave: Resistência. Neocolonialismo. Africano.

METODOLOGIA

Em nosso trabalho faremos uso de análise de bibliografias sobre o neocolonialismo africano. Dessa forma, este trabalho pretende discutir

¹ Acadêmica no 6º período do Curso de Licenciatura Plena em História na UEG – Câmpus Goianésia, thalyta.lpg@hotmail.com.

² Professora curso de Licenciatura Plena em História, , Professor temporário UEG-Câmpus Goianésia. paulobernades@gmail.com

especialmente dados sobre o neocolonialismo a partir do ponto de vista do próprio africano.

INTRODUÇÃO

Embora as nações colonizadoras acreditassem que a conquista seria uma questão puramente europeia, tiveram que enfrentar resistências por parte dos africanos, e apesar da superioridade militar e tecnológica, enfrentaram dificuldades inesperadas, tanto pela religião, quanto por suas elites. Isso demonstra a importância da participação africana no processo de colonização, que foi significativa, e muito relevante.

Qual foi a atitude dos africanos perante a irrupção do colonialismo, que traz consigo tão fundamental mudança na natureza das relações existentes entre eles e os europeus nos três últimos séculos? Eis uma questão ainda não estudada em profundidade pelos historiadores, tanto africanos como europeus, que, no entanto, precisa ser respondida. E a resposta é clara e inequívoca: na sua esmagadora maioria, autoridades e dirigentes africanos foram profundamente hostis a essa mudança e declararam-se decididos a manter o status quo e, sobretudo, a assegurar sua soberania e independência, pelas quais praticamente nenhuns deles estavam dispostos a transigir, por menos que fosse. Tal resposta pode ser encontrada nas declarações dos dirigentes africanos da época. (Boahen, 2010 p. 03)

Neste sentido o sujeito africano é apresentado, na HGC capítulo VII, como sujeito resistente contra o colonialismo europeu imposto a eles, no fim do século XIX e início do século XX, sintetizada em três grupos primordiais: O primeiro formado por soberanos africanos que se destacavam por assumir papéis de reformadores, que sempre buscavam contrapor a influência de europeus no continente até 1880, assim aparecem personagens importantes dentro do processo, Muhammad Ali, Teodoro II, Johannès IV entre outros que tinham em comum utilizar armar de fogo e modelo de indústria europeu para combater os próprios europeus, assim unificavam seus países e se desenvolviam materialmente. Desta forma pode-se observar que esta atitude dos soberanos africanos teria acelerado a conquista do continente acordada pela conferência de Berlim (1884-85).

Admite que foram motivos de ordem essencialmente econômica que animaram os europeus e que a resistência africana à invasão crescente da Europa precipitou a conquista militar efetiva. Parece, de fato, que a teoria da dimensão africana oferece um quadro global e histórico que explana melhor a partilha do que todas as teorias puramente eurocêntricas. (UZOIGWE,2010 p.31)

Assim Uzoigwe acredita que na medida em que a história se aproxima da relação da África no processo do colonialismo, deixa nítida a relevância das ações do continente, e não simplesmente o ponto de vista eurocêntrico que

¹ Acadêmica no 6º período do Curso de Licenciatura Plena em História na UEG – Câmpus Goianésia, thalyta.lpg@hotmail.com.

² Professora curso de Licenciatura Plena em História, Professor temporário UEG-Câmpus Goianésia. paulobernades@gmail.com

limita a explicação do colonialismo apenas a fatores internos à própria Europa ocidental. O segundo grupo apresentado pela HGA, é de soberanos que se opuseram de forma efetiva a colonização do continente entre o fim do século XIX até o início do século XX.

RESULTADOS E DISSCURÇÕES

Assim na obra é possível perceber de certa forma dois grupos subdivididos, um que atacaram com armas de fogo e outro que tentou negociar de forma pacífica, no entanto é importante observar que os dois estavam lutando pelo mesmo objetivo: soberania e independência africana.

Assim, os dirigentes africanos, na sua maioria, optaram pela defesa de sua soberania e independência, diferindo nas estratégias e nas táticas adotadas para alcançar esse objetivo comum. (Boahen 2010, p 12)

Assim criasse a ideia de que um grupo era “colaborador” e outro “resistente”, no entanto o autor vai discutir estes dois termos já que os colaboradores na verdade queriam se aliar aos colonizadores a fim de obter a soberania por meio dos invasores. O terceiro grupo apresentado na obra é formado pelas massas populares, em contraste com os soberanos africanos, resistiram ao colonialismo, o sujeito africano em sua forma mais ampla representado por intelectuais urbanos, proletariados, camponeses, comunidades de igrejas e etc., assim na HCG volume II, é tratado de forma mais detalhada a participação desta massa popular, neste aspecto, Ranger apresenta três verdades históricas: a primeira à não resignação do povo africano, segunda à racionalidade das resistências africanas, e por última à importância e magnitude histórica de tais resistências.

Mas, na maior parte, apoiam-se ou servem para demonstrar três postulados doutrinários, que, a meu ver, continuam verdadeiros em essência, embora recentes trabalhos de pesquisa e análise os tenham corrigido. Em primeiro lugar, afirmou-se que a resistência africana era importante, já que provava que os africanos nunca se haviam resignado à “pacificação” europeia. Em segundo lugar, sugeriu-se que, longe de ser desesperada ou ilógica, essa resistência era muitas vezes movida por ideologias racionais e inovadoras. Por fim, em terceiro, argumentou-se que os movimentos de resistência não eram insignificantes; pelo contrário, tiveram consequências importantes em seu tempo, e têm, ainda hoje, notável ressonância. É interessante rever esses três postulados, com as correções que lhes foram propostas. (Ranger, 2010, p. 52)

Assim o autor vai dizer que estas resistências estavam longe de ser apenas urbanas relacionada apenas a intelectuais e proletariados, e que foram resistências heterogênicas. Desta forma traz a participação da religião e certos

¹ Acadêmica no 6º período do Curso de Licenciatura Plena em História na UEG – Câmpus Goianésia, thalyta.lpg@hotmail.com.

² Professora curso de Licenciatura Plena em História, , Professor temporário UEG-Câmpus Goianésia. paulobernades@gmail.com

líderes tradicionais, para o espaço rural está resistência, assim como resistências na questão moral, econômica e resistências tidas como indiretas, em suma pode-se se dizer que estas resistências poderiam ser motivadas por ações étnicas e religiosas, independentes das lutas anticoloniais, uma problemática abordada por Ranger, assim vale ressaltar que as lutas ganhavam uma tendência predominante de elites africanas. Assim entres estes e outros discursos é importante pensar em certo nacionalismo africano que apresenta ali o sujeito africano e sua importância no processo da transformação histórica. Neste sentido destacasse a importância do Pan-africanismo que após 1935 conseguiu se manter apesar das divergências internas, como um movimento importante político da independência africana no século XX. Em suma este movimento se torna importante historicamente por representar a vitória africana sobre o colonialismo europeu no século XX, pois o pan-africanismo teria tido um papel unificador dos próprios países africanos, formando uma ideologia de massa, que permitiu a unificação da luta anticolonial e a formação de uma rede de solidariedade aos países africanos e seus descendentes da diáspora.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em suma o trabalho analisou o que seria a participação do sujeito africano em todo o processo da colonização, que visa destacar a ação do sujeito africano, enquanto resistência a dominação europeia. Assim discutir a identidade do sujeito africano, que em sua diversidade se contrapõe a influências do europeu, que agora se contrasta com como pensar uma história descolonizada, pós-eurocêntrica, que em todo momento se firma na outra para se explicar.

¹ Acadêmica no 6º período do Curso de Licenciatura Plena em História na UEG – Câmpus Goianésia, thalyta.lpg@hotmail.com.

² Professora curso de Licenciatura Plena em História, , Professor temporário UEG-Câmpus Goianésia. paulobernades@gmail.com

Referências Bibliográficas

História geral da África, VII: África sob dominação colonial, 1880-1935 / editado por Albert Adu Boahen. – 2.ed. rev. – Brasília : UNESCO, 2010.

A Africa por ela mesma? A perspectiva africana na Historia Geral da Africa / Muryatan Santana Barbosa : orientadora Marina de Mello e souza.- Sao Paulo,2010. 208f. Ferro, Marc.

A manipulação da Historia no ensino e nos meios de comunica;ao. Sao Paulo: IBRASA, 1983,

¹ Acadêmica no 6º período do Curso de Licenciatura Plena em História na UEG – Câmpus Goianésia, thalyta.lpg@hotmail.com.

² Professora curso de Licenciatura Plena em História, , Professor temporário UEG-Câmpus Goianésia. paulobernades@gmail.com